

## DEPARTAMENTO DE LETRAS

### A MALANDRAGEM COMO EMBLEMA NACIONAL

*Leandro Nascimento Cristiano (UFRJ)*

Entre deusas e bofetões  
Entre dados e coronéis  
Entre parangolés e patrões  
O malandro anda assim de viés

(Buarque, 2008)

#### CONSIDERAÇÕES INICIAIS

É intrigante que mesmo décadas mais tarde do seu alardeado fim, a boemia dos tipos que usavam terno de linho branco, chapéu panamá e sapato bicolor ainda mobilize a reflexão acerca da identidade nacional. E a chave para essa instigante ligação que ainda se mantém com a malandragem reside em dois aspectos fundamentais. Um deles refere-se ao próprio discurso sociológico da malandragem, responsável pela consagração desse tema em nosso patrimônio cultural. O outro diz respeito à miscigenação, que se revela como categoria básica para a compreensão de muitos de nossos símbolos.

O malandro *stricto sensu* já estaria extinto quando, durante a década de 1970, é recuperado como tema ou objeto por uma série de produções no meio intelectual. Na tentativa de compreender essa emergência de discursos em torno de um único tópico, então considerado uma lembrança já distante, o antropólogo Gilmar Rocha promove uma análise cujo grande mérito é o saldo crítico de obras que até a atualidade, mais de trinta anos depois, permanecem entre os principais títulos sobre o universo malandro. Entre essas, a versão fílmica de *Macunaíma*, por Joaquim Pedro de Andrade (1969), o clássico ensaio *Dialética da Malandragem*, de Antonio Candido (1970), a estreia da peça musical *Ópera do Malandro*, de Chico Buarque (1978) e o lançamento de *Carnavais, Malandros e Heróis*, de Roberto DaMatta (1979).

Durante esse período, ocorreram várias manifestações no âmbito político-cultural como o Tropicalismo e o Cinema Novo, muito importantes por reclamarem uma postura reflexiva com relação à identidade brasileira. Além disso, o início do processo de celebração

## FACULDADE DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES

da malandragem acontece numa fase de forte repressão. Segundo Rocha, “vinculada ao folclore da sabedoria popular, a malandragem aparece como uma possibilidade de ludibriar o cerco ditatorial da censura ao se dizer o proibido através do consentido.” Desse modo, “as representações da malandragem alcançam a legitimidade de objeto de estudo sociológico” (Rocha, 2006, p. 110), na medida em que assumem um sentido político.

Trabalhos tais como o de Candido na literatura, o de Claudia Mattos na música (1982)<sup>11</sup>, ou ainda, o de DaMatta nos estudos folclóricos, teriam sido cruciais no estabelecimento de uma base, uma estrutura de apoio para o sentido cultural da malandragem.

Muitas dessas obras, referências indiscutíveis, também são mencionadas por Lilia Katri Moritz Schwarcz em *Complexo de Zé Carioca: Notas sobre uma Identidade Mestiça e Malandra*. Porém, dessa vez o objetivo será mostrar que o fato da miscigenação no Brasil e seu papel no desenho político, social e cultural estão na estrutura mais profunda da malandragem.

A autora, cujo texto está situado no seio do debate entre as disciplinas História da Cultura e Antropologia Cultural, propõe uma reflexão acerca da abordagem da identidade nacional que não deixe em prejuízo aspectos considerados recorrentes no processo de construção da cultura brasileira. Assim, segundo Schwarcz, elementos tais como a feijoada, o samba, a mulata, a capoeira, além do próprio malandro, notadamente a partir do Estado Novo, tornaram-se manifestações cuja filiação à cultura nacional se explicaria pela persistência da questão racial que, de um modo ou de outro, eles também comportaram. Dessa forma, seja na culinária ou na música, o que contivesse indícios ou pudesse aludir à mestiçagem, constaria do repertório cultural nacional.

Trata-se, portanto, de uma perspectiva que nos leva para uma raiz ou substância da noção de malandragem. Contudo, a importância da figura malandra dentre nossas informações culturais não é diminuída.

---

<sup>11</sup> Apesar de publicado já no início da década de 1980, *Acertei no milhar: malandragem e samba no tempo de Getúlio* é considerado por Gilmar Rocha uma obra de grande relevância para a constituição do que aponta como discursividade malandra.

## DEPARTAMENTO DE LETRAS

Deve-se, ao contrário, reconhecer sua riqueza para a história brasileira, na medida em que para esse tópico convergem tantos outros símbolos de nosso repertório, como o samba e a religiosidade de ascendência africana, além de se configurar num digno representante de uma geração de forte ação político-cultural. Contudo, também não seria uma feliz tarefa colocar esse emblema num lugar quase absoluto, como se fosse único na perspectiva de uma construção para todo um país. Indiscutivelmente, o personagem malandro entrelaça questões múltiplas e de modo muito peculiar. Não à toa nosso empenho nesse estudo. No entanto, não se deve deixar de lado a percepção de que sua consagração está no bojo de um processo bem mais longo e complexo. Assim, concordando com Lília Schwarcz, não queremos simplesmente “elogiar, qualificar ou tornar rígida e oficial uma determinada representação” (Schwarcz, 1995, s/p), mas contribuir por meio da discussão em torno da malandragem para a reflexão sobre a identidade brasileira.

### O MALANDRO MESTIÇO

Na literatura, certamente, um dos primeiros grandes nomes a tematizar o malandro foi Lima Barreto. O fato de ter vivido a *Belle Époque* carioca, um contexto de importantes transformações políticas, sociais, econômicas e culturais que redefiniram a configuração da cidade do Rio de Janeiro, então capital federal, permitiu ao escritor acompanhar de perto a modernização capitalista segregando escravos e pobres migrantes nos guetos e subúrbios. A todos esses acontecimentos esteve atenta a pena do autor mulato e de origem humilde. Segundo Bosi, em seus romances, “há muito de crônica: ambientes, cenas cotidianas, tipos de café, de jornal, da vida burocrática, às vezes só mencionados ou mal esboçados, naquela linguagem fluente e desambiciosa” (Bosi, 1994, p. 318). Desse modo, em suas histórias, destacavam-se a denúncia das mazelas do Rio de Janeiro em seu afã de uma Paris tropical e, de acordo com o historiador Nicolau Sevcenko, a crítica da “preocupação obsessiva das elites locais em transmitir a imagem de uma nação branca e ‘civilizada’ para os representantes, visitantes e mesmo para o público europeu” (Sevcenko, 2003, p. 210).

## FACULDADE DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES

No romance *Clara dos Anjos*, cuja escrita fora iniciada em 1904, mas jamais concluída, com sua primeira edição póstuma, em 1924, haveria muitos indícios autobiográficos. As situações de pobreza e racismo, sem dúvida experimentadas por Lima Barreto, também são mostradas através de sua protagonista. Igualmente retratados, o subúrbio e a malandragem.

Salta aos olhos, porém, a ausência de qualquer traço de positividade na principal figura que representa o arquétipo malandro na trama. Cassi Jones de Azevedo é um aproveitador que vive de apostas nas brigas de galo e jogos de dados, além de depender da cobertura financeira dos pais, o que, na verdade, ocorre às escondidas do grave Manoel Borges de Azevedo, crítico da conduta relapsa do filho.

A mãe de Cassi, Salustiana Baeta de Azevedo, é apontada pelo narrador como uma das maiores responsáveis pelo caráter do rapaz. Ela, afinal, sempre teria mimado o filho e ainda o protegia em todos os casos de moças desonradas em que ele se envolvia. Além disso, o próprio nome Jones, que não era de batismo, fora adotado pelo malandro como apelido depois de sua mãe lhe haver contado sobre uma suposta descendência de um cônsul inglês, um Lorde Jones.

A descrição do malandro que, na presente história, atua como um vilão, não lhe destaca nenhum talento, tampouco qualquer sinal de beleza.

Era Cassi um rapaz de pouco menos de trinta anos, branco, sardento, insignificante, de rosto e de corpo; e conquanto fosse conhecido como consumado modinheiro, além de o ser também por outras façanhas verdadeiramente ignóbeis, não tinha as melenas do ‘virtuoso’ o violão, nem outro qualquer traço de capadócio (Barreto, 1948, p. 41).

E, no que tange à personalidade, destacam-se o egoísmo e uma total incapacidade de gratidão ou afeto: “sua natureza moral e sentimental era safara e estéril. A seus pais e às suas irmãs, não o prendia nenhuma dose de afeição, por mais pequena que fosse” (*Idem*, p. 55).

Contudo, o personagem exerceria alguma atrativo sobre as mulheres, considerados os numerosos escândalos amorosos atrelados ao seu nome. É interessante observar que Cassi não era habilidoso como violeiro, mas “fosse ele ou fosse o violão, fossem ambos conjuntamente, o certo é que, no seu ativo, o Sr. Cassi Jones, de tão

## DEPARTAMENTO DE LETRAS

pouca idade, relativamente, contava mais de dez defloramentos e a sedução de muito maior número de senhoras casadas” (*Idem*, p. 42).

O perfil das moças com quem se relacionava era de jovens simples, humildes, de pouca ou nenhuma instrução, mostrando que, na verdade, o grande número de relacionamentos de Cassi se devia bem mais à ingenuidade de suas vítimas do que por um provável mérito de sedutor.

Essa abordagem difere em muito do que vemos na peça musical *Ópera do Malandro*, de Chico Buarque. Primeiramente, pelo fato de que as referidas obras guardam distinções, por si só muito importantes, com relação aos respectivos gêneros em que se enquadram. Em segundo lugar, enquanto em *Clara dos Anjos* é simples a identificação do tipo que ora estudamos, o drama musicado, exatamente por sua condição teatral, permite o contato com diversos elementos que visam aludir à atmosfera malandrina no auge da boemia carioca. Essa se revela de modo alegre, festivo, envolvente e muito sensual, característica patente nas letras das canções, sobretudo nas de eu lírico feminino – uma marca de Chico Buarque – tais como *Teresinha* e *O Meu Amor*.

Nesta trama, o protagonista Max Overseas atua com contrabando e se envolve com Teresinha, filha de Duran, dono de grande parte dos cabarés do Rio de Janeiro. Homem sedutor e mulherengo, Max é disputado por Lúcia, que na verdade representa várias de suas relações amorosas, e por Teresinha, com quem acaba se casando. Importa notarmos que as duas personagens femininas delimitam duas fases da malandragem. Aquela dos pequenos golpes, dos bares e da diversão em contraponto à fase da lei, da ética do trabalho e da consolidação burguesa, à qual Max, representante do malandro “de outros carnavais”, terá que se curvar.

Em seu romance, Lima Barreto ainda captou outros exemplos da malandragem. Como faz questão de salientar Luiz Noronha, em torno de Cassi, estão Franco Souza, que se passava por advogado para pegar adiantamentos de eventuais clientes, Arnaldo, especialista em roubar passageiros distraídos dos trens e, finalmente, o mulato Ataliba Timbó, que teria sido operário, mas largara o emprego devido a desentendimentos com a polícia.

## FACULDADE DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES

Juntos, esses personagens poderiam compor uma galeria da tipologia malandra, caracterizada por truques pouco ambiciosos e pela vida no subúrbio, mas o aspecto da ilegalidade domina o primeiro plano. Tanto é assim, que dentre esses quatro, Cassi é o elemento central, apresentado como desprovido de qualidades e mau-caráter, chegando ao ponto de assassinar, ao lado de Arnaldo, o empregado do armazém Marramaque, “um pobre velho, aleijado, inofensivo a pauladas” (*Idem*, p. 157), temendo que ele pudesse prejudicar seus planos com Clara. Somente do Zezé Mateus, o quinto e último membro dessa roda de amigos, diz-se “o melhor da turma, o único que não tinha maldade no coração” (*Idem*, 53). De fato, ele não era malandro e aceitava qualquer trabalho, como capinar ou vender peixe, mas é descrito como “quase inválido pela sua imbecilidade nativa e pela bebida” (*Idem*).

Em suma, o único dono de uma índole respeitável no grupo revela-se uma figura absolutamente patética.

Com base nisto, torna-se realmente muito difícil verificarmos em *Clara dos Anjos* algum dos ingredientes que permitirão à malandragem, quase um século mais tarde, figurar como um dos emblemas nacionais. Essa visão, entretanto, não desqualifica de modo algum a obra barretiana. Fazê-lo seria um grave erro.

Nesta narrativa, o malandro não é o foco, mas apenas atende a uma necessidade da dinâmica elaborada pelo autor. Por isso, Cassi representa o opressor de Clara, essa sim a protagonista do romance, moça mestiça e pobre que se defrontará com a crueldade de sua condição social.

A miscigenação, a questão racial, aspecto caro à obra de Lima Barreto, revela-se, segundo Schwarcz, como o principal tópico de todos os que buscaram um sentido para a brasilidade.

No contexto da *Belle Époque* carioca, acompanhamos ainda uma valorização dos ideais de superioridade e inferioridade raciais importados da Europa. Segundo Sevcenko, “ao contrário do período da Independência, em que as elites buscavam uma identificação com os grupos nativos, particularmente índios e mamelucos”, no Brasil em sua fase recém-republicana, torna-se mais importante “estar em dia com os menores detalhes do cotidiano do Velho Mundo” (Sev-

## DEPARTAMENTO DE LETRAS

cenko, 2003, p. 51), demonstrando o grande empenho na cópia de tudo o que fosse estrangeiro. Assim, fica simples entender que as teorias de fundamentos discriminatórios encontrassem solo fértil aqui.

Observa-se, então, a grande relevância do aspecto étnico para a compreensão do processo identitário brasileiro. Daí, a competência da abordagem de Lília Schwarcz ao mostrar como no Brasil a tentativa de superação da questão racial, diante da necessidade de afirmar a mestiçagem, começando na feijoada, passando pelo samba e pela capoeira até chegar ao malandro, talvez seja nosso maior símbolo.

Está subjacente, portanto, ao discurso da malandragem o fato da miscigenação, incontestável e talvez único em escala mundial, que precisou ser resolvido durante a consolidação de nossa identidade. E observemos, já nos constituíamos num país, já existíamos embora ainda não estivéssemos decididos quanto a esse impasse étnico. Na verdade, o processo de construção é contínuo, quanto a esse aspecto e com relação a qualquer outro. No Brasil ou no exterior. Lembremos de Benedict Anderson que, realizando em seu texto *Comunidades Imaginadas* um percurso histórico por diversas lutas nacionais, compara a apropriação das pessoas, na modernidade, de seus nascimentos e primeiros anos de vida com o processo de construção identitária que se passa com as nações. Para tomada de consciência da própria história, faz-se necessário um afastamento para seleção e coletânea de dados, de lembranças para que, finalmente, construa-se uma narrativa nacional ou de cada indivíduo.

No caso de nações inteiras, diferentemente do que ocorre com as pessoas, não é possível definir claramente o nascimento ou o instante da morte. Segundo Anderson, “porque não há um Criador, a biografia da nação não pode ser escrita em termos evangélicos, seguindo o fio do tempo, através de uma longa cadeia de concepções procriadoras” (Anderson, 2005, p. 267). Faz-se, então, necessária uma operação que coordene memória e esquecimento.

## FACULDADE DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES

### O DISCURSO MALANDRO

Para a estudiosa Beatriz Resende<sup>12</sup>, Lima Barreto, tendo sofrido intensa marginalização como intelectual pela crítica de sua época, tornou-se independente para optar pela manutenção das camadas populares no alvo de sua produção literária. A postura ativa do escritor carioca também explica sua prosa pioneira no despojamento formal que reverberava nas letras a própria condição da *marginália*, tão instigante para o autor.

Resende sistematizou a trajetória de alguns personagens da literatura barretiana, tais como Policarpo Quaresma, Ricardo Coração dos Outros (ambos de *Triste Fim de Policarpo Quaresma*) e Clara dos Anjos. Segundo a ensaísta, eles fazem o mesmo percurso. Primeiramente, reforçando o discurso ideológico hegemônico; em seguida, esforçando-se por satisfazer os ideais da sociedade urbana, como o casamento; em terceiro lugar, constataam a impossibilidade de se nivelarem às camadas superiores; finalmente, tomam consciência das desigualdades de que são vítimas.

Há um trecho da narrativa *Clara dos Anjos* que confirma o fator dos preconceitos sociais e raciais funcionando como aliados do comportamento condenável do personagem Cassi que, nesse momento, angustia-se pela dúvida quanto aos sentimentos de Clara, pois apenas com a certeza de que ela cederia às suas investidas é que poderia agir.

No excerto, temos: “Até ali, ele contara com a benevolência secreta de juízes e delegados que, no íntimo, julgavam absurdo o casamento dele com as suas vítimas, devido à diferença de educação, de nascimento, de cor, de instrução.” (Barreto, 1948, p. 116).

Revelar a dureza do social demandava da escrita barretiana um desenho de cores fortes, talvez caricatas, capazes de borrar até a mínima possibilidade de reconhecimento da “boa e velha malandragem” que, definitivamente, não está aqui.

---

<sup>12</sup> O ensaio *Lima Barreto: a opção pela marginalia* consta da coletânea *Os pobres na literatura brasileira* (1983), organizada por Roberto Schwarz.

## DEPARTAMENTO DE LETRAS

Para Gilmar Rocha, o culto ao malandro não pode ser explicado apenas do ponto de vista conjuntural, mas também numa visada que leve em conta toda a história cultural do Brasil. E um dos aspectos de maior relevância para o entendimento do inegável potencial simbólico do fenômeno da malandragem é a crise das Ciências Sociais.

Os estudos calcados na sociedade passaram por uma renovação cujos efeitos favoreceram novas interpretações das camadas populares e, por conseguinte, uma crescente valorização de todas suas manifestações. Isso ocorreu especialmente no cenário urbano, onde chamaram atenção as comunidades alijadas do projeto modernizador, habitantes de favelas e subempregadas.

No que tange à incorporação do discurso das minorias, dos marginalizados, Homi Bhabha compreende que esta situação se configura num território de contestação cultural, no qual as pessoas devem ser pensadas duplamente, na medida em que são, ao mesmo tempo, objetos, argumentos de autoridade para um discurso previamente elaborado, e sujeitos de um processo de significação que pode apagar, repetir ou reproduzir.

Logo, para Bhabha importa destacar a participação da voz de todos os que serão envolvidos, abarcados sob uma pretensa chancela de nacionalidade. Quando o ensaísta fala de pluralidade, de heterogeneidade, ele compreende que a interação de todos os pólos não é simplesmente algo ideal, mas um modo necessário para a construção mesma de nação. E, principalmente, uma construção que seja ambivalente, conflitante, jamais mero nivelamento. Esta passagem é nítida:

A nação não é o emblema de modernidade, sobre o qual diferenças culturais se homogenizam, numa visão horizontal de sociedade. A nação revela sua ambivalência e representação vacilante, a etnografia de sua historicidade e se abre para a possibilidade de outras narrativas dos povos e suas diferenças<sup>13</sup> (Bhabha, 1990, p. 300).

Não que Lima Barreto precise de qualquer remissão para a sua literatura, mas a argumentação de Bhabha em favor da contribui-

---

<sup>13</sup> "The nation is no longer the sign of modernity under which cultural differences are homogenized in the 'horizontal' view of society. The nation reveals, in its ambivalent and vacillating representation, the ethnography of its own historicity and opens up the possibility of other narratives of people and their difference."

## FACULDADE DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES

ção da fala dos excluídos na elaboração dos contornos da identidade nacional salienta o valor da postura antiacadêmica da prosa barretiana. Portanto, embora tenhamos o retrato de uma malandragem criminosa e sem escrúpulos, mesmo deformada, se compararmos com a visão romântica do musical de Chico Buarque, sua presença em *Clara dos Anjos* é decisiva para a configuração da sociedade carioca, com todas as vicissitudes e incoerências de uma cidade fascinada por sua *Belle Époque*.

A partir dessa reflexão, coloca-se outro tópico interessante. Se *Ópera do Malandro* é tão posterior à narrativa do início do século XX, não será a peça teatral que promove a deformação, ou melhor, aquela que efetivamente forma nossa perspectiva de um boêmio inventivo, alegre, sedutor e, portanto, com traços positivos o bastante para veicular uma noção de brasilidade? Seguramente, como nos mostra Rocha:

Muito embora não se tenha desenvolvido uma produção sociológica sobre a malandragem no contexto dos anos 30, mesmo que o samba expressasse um conteúdo sociológico que denunciava os conflitos da política do Estado Novo (1937-1945), a objetificação da malandragem nos anos 70 evidencia um processo de ‘domesticação científica’ de um gênero discursivo. O malandro vestido a caráter, com lenço no pescoço, navalha no bolso e chapéu de panamá, foi pouco a pouco substituído pelo não menos malandro ‘jeitinho brasileiro’, na forma de um conjunto de práticas sociais mais domesticadas e purificadas e, até certo ponto, livre das representações marginais e ameaçadas de violência e perigo, inscritas na malandragem carioca de ‘antigamente’ (Rocha, 2006, p. 117-118).

A despeito de convidar a um passeio nostálgico pela Lapa boêmia carioca dos anos de 1940, *Ópera*, ao mesmo tempo que demarca o fim para “aquela tal malandragem que não existe mais” (Buarque, 2008, s/p), estabelece e consagra uma versão editada do malandro, livre das ameaças que tanto poderiam atrapalhar os projetos desenvolvimentistas da nação, abraçados a partir da Era Vargas. É certo, porém, que o texto de Buarque manifesta rara consciência crítica de todo esse processo.

Numa passagem emblemática da peça, Max Overseas está preso e é pressionado por Teresinha, com quem se casara, a assinar vários papéis. Esse é o retrato da civilização do malandro que agora, como na canção *Homenagem ao Malandro*, prólogo do segundo ato da montagem, “até trabalha, mora lá longe chacoalha, no trem da

## DEPARTAMENTO DE LETRAS

central” (*Idem*). É um outro tipo de malandragem, burocratizada e covarde, acobertada pelas intrincadas esferas políticas. Esse tipo galanteador dos subúrbios vai aos poucos ceder lugar para o político corrupto e o empresário ladrão.

Uma das últimas falas de Teresinha – dirigindo-se a Max, preso – expressa isso claramente:

Bom, não é para te consolar, mas quem hoje te condena à morte tá condenado pra depois de amanhã. Papai, inspetor Chaves, a Lapa, as falcatruas, todo esse mundo já tá morto e caindo aos pedaços (Buarque, 1978, p. 169).

Num tom bastante irônico, Chico Buarque aborda o que se pode esperar da sociedade nesse novo tempo, em que se preparava terreno para a construção do paraíso dos grandes burgueses. Teresinha, novamente é sua porta-voz:

Tá todo mundo precisando de uma coisa nova, mais aberta, mais limpa e arejada. Tá na cara que tem que mudar tudo e já! Tem que abrir avenidas largas, tem que levantar muitos arranha-céus, tem que inventar anúncios luminosos, e a MAXTERTEX faz parte do grande projeto. Você devia se orgulhar, Max, porque nisso tudo tem um pedaço do teu nome e um pouquinho do teu espírito... (*Idem*, 170).

E ainda prossegue na sentença do fim do malandro:

Sangue novo! A nova civilização! É claro que os malandrinhos, os bandidinhos e os que acham que sempre dá-se um jeitinho, esses vão apodrecer debaixo da ponte. Mas nesse povo aí fora não dá só vagabundo e marginal, não. E vai ter um lugar ao sol pra quem souber vencer na vida. É daí que vem o progresso, Max, do trabalho dessa gente e da nossa imaginação. Daqui a uns anos, você vai ver só. Em cada sinal de trânsito, em cada farol de carro, em cada nova sirene de fábrica vai ter um dedo da nossa firma. Você devia se orgulhar, Max (*Idem*).

Assim, observamos que o texto de Buarque corrobora a consagração do malandro como figura típica do Brasil, mas que, de modo curioso e talvez até paradoxal, o faz declarando o seu fim, escrevendo seu epitáfio. Afinal, ao processo de transição de um Max alegre e fanfarrão para um personagem amuado e sem brilho, corresponde, no âmbito dramático, a diluição de um sentido de malandragem e que, nas palavras de Roberto Goto, ainda resiste “menos como mito (e ainda menos como categoria social) do que na condição de um jeito difuso de ser” (Goto, 1988, p. 110). Com isso, *Ópera* reconhece o óbvio, a extinção do malandro nas ruas de uma cidade cada

## **FACULDADE DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES**

vez mais alinhada ao projeto capitalista, porém conferindo-lhe uma bela e digna homenagem.

### **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A reflexão acerca da identidade nacional por meio da figura malandra, ao revelar aspectos mais profundos de nossa história – notadamente a questão racial – e o processo de elaboração de todo um discurso por parte das Ciências Sociais, torna patente a construção das nações que, em verdade, são ideias, abstrações, ou, como propõe Anderson, comunidades imaginadas.

Mais que importantes, os emblemas são mesmo essenciais. Conforme Hobsbawm aponta, o Estado moderno teve que lidar com dois grandes problemas. O primeiro deles dizia respeito à necessidade de se encontrar uma forma adequada para a implementação do governo e outro se voltava para a promoção de lealdade e identificação dos cidadãos com as autoridades. Nas palavras do historiador:

A democratização da política (...) colocava a questão da nação e dos sentimentos do cidadão em relação àquilo que ele considerava como sua 'nação', a sua 'nacionalidade' ou outro centro de lealdade, no topo da agenda política (Hobsbawm, 1998, p. 105).

Portanto, os vínculos deveriam ser criados necessariamente a partir de elementos que fossem comuns aos membros do grupo. Anderson evidencia essa força de coesão que caracteriza os laços de nacionalidade, quaisquer que sejam. Assim, importa mais a potencialidade que têm para promover e fortalecer a unidade entre as pessoas que propriamente os objetos, símbolos ou doutrinas que se compartilhe. Por isso, tais laços são tidos como desinteressados, naturais e, logo, inescapáveis.

De igual modo, é o malandro, capaz de envolver todos nós. Não por acaso, com ele aprendemos, ao menos, duas grandes lições: do seu gingado, o jeitinho, e da sua sedutora altivez, a coragem para seguirmos em frente.

## DEPARTAMENTO DE LETRAS

### REFERÊNCIAS

- ANDERSON, Benedict. *Comunidades Imaginadas: reflexões sobre a origem e a expansão do nacionalismo*. Trad.: Catarina Mira. Lisboa: Edições 70, 1991.
- BARRETO, Lima. *Clara dos Anjos*. Rio de Janeiro: Mérito, 1948.
- BHABHA, Homi K. Dissemination: time, narrative, and the margins of the modern nation. **In:** \_\_\_\_\_. (Ed.). *Nation and narration*. London and New York: Routledge, 1990.
- BOSI, Alfredo. *História concisa da literatura brasileira*. Cultrix: São Paulo, 1994.
- BUARQUE, Chico. *Ópera do malandro*. São Paulo: Círculo do Livro, 1978.
- \_\_\_\_\_. *Letras.mus.br*. Disponível em <http://letras.terra.com.br/chico-buarque/45135/> Acesso em: 15 dez. 2008.
- GOTO, Roberto. *Malandragem revisitada*. São Paulo: Pontes, 1988.
- HOBSBAWM, E. J. *Nações e nacionalismo desde 1780: programa, mito e realidade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1998.
- NORONHA, Luiz. *Malandros – notícias de um submundo distante*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2003.
- RESENDE, Beatriz. Lima Barreto: a opção pela marginalia. **In:** SCHWARZ, Roberto. (org.). *Os pobres na literatura brasileira*. São Paulo: Brasiliense, 1983.
- ROCHA, Gilmar. ‘Eis o malandro na praça outra vez’ – a fundação da discursividade malandra no Brasil dos anos 70. **In:** *Scripta*, Belo Horizonte, v. 10, n. 19, p. 108-121, 2º sem. 2006.
- SCHWARCZ, Lilia. Complexo de Zé Carioca – notas sobre uma identidade mestiça e malandra. **In:** *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, n. 29, ano 10, out 1995. p. 49-63. Disponível em: [http://www.anpocs.org.br/portal/publicacoes/rbcs\\_00\\_29/rbcs29\\_03.htm](http://www.anpocs.org.br/portal/publicacoes/rbcs_00_29/rbcs29_03.htm). Acesso em: 15 dez. 2008.
- SEVCENKO, Nicolau. *Literatura como missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira República*. 2ª ed. São Paulo: Cia. das Letras, 2003.